



Aqui é Malanje...



... e aqui é Benguela!

## BENGUELA

Padre Manuel António

# Chegámos há 49 anos!

NO dia 1 de Novembro de 1963, iniciámos a viagem, no porto de Lisboa, com destino a Angola. O barco, semi-cargueiro *Rita Maria*, foi o transporte que nos trouxe. Chegámos a Benguela, depois do desembarque no porto do Lobito, no dia 16 de Novembro de 1963. Passámos a primeira noite no meio de 42 rapazes que formaram a primeira família da Casa do Gaiato de Benguela. Estavam à nossa espera, no pensamento e na vontade dos responsáveis oficiais do governo, que pediram a vinda da Casa do Gaiato para assumir a responsabilidade do empreendimento existente. O acolhimento do povo de Benguela e Lobito foi admirável. A população portuguesa, constituída por um elevado número de empresários, manifestou, desde o início, um entusiasmo tão grande que se dispôs a ajudar, dum modo extraordinário, a construção da nova “Aldeia”

da Casa do Gaiato de Benguela. Todos quiseram dar a sua colaboração, nas mais variadas formas, de acordo com a actividade específica de cada empresa. Uma maravilha! Ao escrever esta Nota, estou a lembrar-me da voz de Pai Américo, a respeito da generosidade do povo da cidade do Porto, na construção da Casa do Gaiato de Paço de Sousa: «Ai! Porto, Porto, quão tarde te conheci!» Algo de semelhante aconteceu com esta população empresarial de Benguela, naquele tempo. Quem dera esta cultura da solidariedade passasse, como herança, para a classe empresarial deste tempo, em que vivemos!

Porque estamos numa fase difícil da vida económica da nossa Casa do Gaiato de Benguela, quem nos dera o apoio das várias instituições empresariais, com actividade em Benguela e Lobito! Aguardamos, com paciência

e confiança, a decisão final. Contudo, como acima referia, a ausência da cultura da solidariedade social, é um factor determinante. Queremos dar o nosso contributo para criar uma nova forma de estar. Como? Confiamos e esperamos! O coração da nossa Casa do Gaiato de Benguela, ao celebrar os 49 anos da sua existência, continua muito unido aos problemas aflitivos da multidão que nos rodeia. É comum ouvirmos a expressão comovente das mães e pais que estão na nossa dependência vital: A Casa do Gaiato é a nossa mãe. Como é possível resistir a estas aflições que nos batem à porta? Esta forma de convívio social tem sido a marca que caracteriza a nossa vida, ao longo dos anos. O povo de Portugal continua a ser o suporte do nosso coração erguido e cabeça levantada. Foi assim desde o princípio. Quem dera não lhe falte o mínimo de possibilidades económicas e espirituais para manter o seu lugar. Na vida é preciso fazer o máximo para ajudar os outros. O amor gratuito ajuda-nos a crescer

Continua na página 3

## DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

ESTA coisa de sempre se querer substituir os outros naquilo que lhes compete fazer, para que tudo ande mais depressa e corra melhor, ou pareça melhor, é o grande erro, sempre repetido, em todos os níveis das organizações humanas.

Em casa, a mãe faz aquilo que o filho devia fazer, para que a casa fique mais limpa, a louça não se parta, o quarto esteja mais bem arrumado...

O filho não suja também a casa? Não usa a louça? Não desarruma o quarto? Então não deve colaborar na reposição da ordem das coisas que usou, desde que tenha capacidade para isso? A tudo isto, não há muito tempo entre nós, chamavam de trabalho infantil; as crianças somente deviam brincar, com jogos de entretenimento ou lúdicos...

Por via deste pressuposto, vêm então os técnicos, e instalam-se no lugar que deveria ser ocupado pela criança, nas suas várias faixas etárias. Substituem-na na limpeza da sua casa – e elas deixam de saber limpar; criam salas para jogos e divagação – e elas deixam de construir os seus brinquedos, de fazer os jogos tradicionais, de correrem uns atrás dos outros e de se sujarem; entram a confeccionar as refeições – e os mais velhos deixam de poder criar uma ementa e de desenvolver os seus dotes culinários; sentam-se os assistentes em todo o tipo de rela-

ções e conflitos humanos – e as crianças deixam de saber situar-se na vida, na sua relação com os outros e o meio...

Não vamos falar aqui de outras substituições, também de conveniência, feitas para tapar os olhos a alguém de maior responsabilidade na escala hierárquica, para esconder deficiências.

O querermos ser família para os sem família, família pobre porque para os Pobres; o querermos o Rapaz em sua casa, aqui, Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes, em lugar de destaque e com responsabilidade, que faça tudo o que lhe diz respeito e pode fazer, e não venha ninguém substituí-lo; o querermos que assuma essa responsabilidade em liberdade e, em função da verdade que a vida testemunha, desenvolva o auto-governo...

O querermos que por estes caminhos se faça cada Rapaz um homem, é a razão porque tudo fazemos, assim a vida nos permita e os homens nos deixem, para que ninguém substitua o Rapaz nas suas tarefas e no viver a sua vida, e que os seus verdadeiros interesses sejam a motivação para tudo o que se faz com ele, sem subterfúgios.

Em várias situações temos experimentado que há pretensas ajudas que rapidamente se transformam em acções técnicas que, como atrás ficou dito, se tivessem campo de manobra entre nós, depressa destruiriam o que nos é mais caro, relegando o Rapaz ou o Doente ou o Pobre para um lugar de subserviência, precisamente o lugar oposto àquele em que o queremos, que é o lugar de destaque na nossa vida. □

## MOÇAMBIQUE

A semana passada fui à cidade levar convites para uma visita à nossa Casa. Nos dois fins de semana, os mais velhos que trabalham, também andaram. Há muito tempo que demos conta que poucos conhecem quem somos, onde vivemos e como vivemos. Mesmo muitos portugueses que de tradição ouviram falar de Pai Américo e da Obra da Rua, poucos sabem que ele viveu aqui, foi homem de sucesso aqui, como muitos hoje aqui procuram ser. Mas daqui levou fermentada a sua vocação de pobreza, o seu desprezo pelo enriquecimento, mesmo que mercê das suas capacidades humanas. Em fermento o seu voto de pobreza, que um dia padre, havia de fazer por escrito, e juntamente com o pecúlio que lhe restava, meteu num saquito e jogou para dentro do quarto do seu Prelado, num significativo gesto.

Depois virou pedinte. Não para auto-sustento mas para pobres tuberculosos, que à morte, lhe entregavam os filhos. Ele aflito, de coração a sangrar, abriu a primeira Casa do Gaiato em Miranda do Corvo e outras se seguiram, tendo por protótipo a de Paço de Sousa. Em Angola e Moçambique, só depois da morte prematura.

Numa caminhada semelhante de vinte e um anos, nos vemos hoje. Era imperioso, na situação aflita em que estamos, porque não publicamos nos jornais de grande circulação, nem nas televisões, dar a conhecer como vivemos, como somos e o que fazemos. N’O GAIATO tem havido repercussões, mas aqui tem sido difícil. Por isso, o andar de porta em porta quer meu, quer dos rapazes já amadurecidos.

Como em todas as Aldeias da Obra da Rua «A Capela é o centro. A vida cristã, o pôr-lhes a mesa e chorar os nossos pecados se eles não quiserem vir». Assim o dia começou pela Celebração às dez horas na Capela. Estava cheia. Além dos rapazes mais de quatrocentas pessoas, algumas com seus filhos e bebés. Tinha de ser à volta do Altar.

É ali que oportuna e importunamente se ouve a Palavra de Deus, o remédio para os nossos males, do mundo de hoje e de sempre. Mesmo aqueles que dizem não acreditar em Deus, mas acreditam na Obra do Padre Américo, não o diriam nunca se não tivessem em si a semente do Bem e só

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## MOÇAMBIQUE

André Fernando

Na semana passada foi o primeiro dia em que o nosso carro saiu com entregas definidas para os clientes que solicitaram: coelhos, frangos, patos, ovos, carne de vaca, carne de porco, batata, cebola, tomate, pimento, cenoura e beterraba. Foi uma alegria vê-los de volta por terem sido bem recebidos; pena que não vamos poder garantir todas as semanas pois a nossa capacidade é inferior à procura, mas estamos num processo de reorganização.



O nosso convívio com os amigos no dia 4 foi recheado de muitas surpresas e alegria; os manos mais velhos fizeram de tudo para que os amigos e patrões conhecessem a nossa vida e o nosso espírito de verdadeira família. Também os que acompanham diariamente a nossa vida: tios, tias, padrinhos, madrinhas, deram o seu máximo para que a Casa ficasse cheia de amigos.

Estes dias os manos que estudam em Centros de Formação Profissionalizante começam a voltar para férias. Quase todos estão inscritos para o início de estágio pois a prática é muito importante, assim como a integração na vida social.

Domingo passado um grupo de rapazes foram às Aldeias da Massaca e Picoco visitar crianças, doentes e idosos em situação difícil; no fim do dia estavam comovidos com o que viram e por lembrar que também saíram da mesma realidade. As tristes histórias que ouviram e viram fizeram-os mais conscientes da necessidade de saber aproveitar melhor o que têm no dia-a-dia nesta família.

Os nossos carros têm tido muitas avarias; com as constantes chuvas as estradas estão em péssimas condições. Ultimamente, para chegar a nossa Casa, temos que percorrer mais 30 km, pois a antiga ponte de Boane, desde Março, que se encontra em mau estado; mesmo assim, alguns aventureiros atrevem-se a passar por lá, quando a água está mais baixa. □

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

**É PRECISO MANTER BEM VIVOS O EXEMPLO E A MENSAGEM DO PAI AMÉRICO** — Muitos parabéns e um bem-hajam aos Vicentinos e à Paróquia de Galegos pelo que fizeram para comemorar o 125.º Aniversário do nascimento do Pai Américo. Foi simples e com a profundidade das coisas que são feitas com Amor e com Alma. Foi muito bom terem estado não só as gerações para quem a memória do Pai Américo ainda está viva, mas também as gerações mais novas. É muito importante que a vida, o exemplo e a mensagem do Pai Américo passem para as novas gerações. Num mundo e num País onde se desvaloriza cada vez mais a história, é preciso fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para que as novas gerações conheçam essa história, especialmente na parte que diz respeito a pessoas como o Pai Américo.

Numa altura em que se discute cada vez mais o Estado Social e a pobreza voltou a aumentar, é preciso que as gerações que agora mandam no País e que não conhecem, ou já esqueceram o Pai Américo, voltem aos seus livros e ao que eles contam sobre um País onde esse Estado Social quase não existia. Isto não quer dizer que o Pai Américo fosse dos que acham que o Estado deve ter a responsabilidade total por tudo o que é preciso fazer no sentido de combater a pobreza e a exclusão social. Ao criar as Casas do Gaiato, que têm vivido sempre sem qualquer dependência do financiamento público, ele deu o exemplo do muito que a chamada sociedade civil pode e deve fazer por esse combate. Dito isto, num contexto político muito difícil, o Pai Américo não deixou de confrontar muitas vezes e com muita veemência os poderes públicos com as responsabilidades que estes também devem ter nesta matéria e que não estavam a cumprir.

Pegando nas suas palavras, nos dias que correm, um regresso ao que disse e fez o Pai Américo é o *progresso social cristão* de que este País precisa cada vez mais.

### Os nossos contactos:

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.  
E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

## PAÇO DE SOUSA

**CAMPO** — Começaram a ser feitas as podas, para que no próximo ano tenhamos mais uvas.

O «Meno» anda atarefado com a sementeira da erva de Inverno, para que as nossas vacas tenham que comer, na Primavera.

O João já está a semear as favas — que alguns rapazes não apreciam muito, mas que são um bom alimento.

**JORNAL** — Este número d'O GAIATO vai acompanhado com o segundo capítulo da banda desenhada sobre a vida de Pai Américo; alguns dos nossos rapazes ocuparam algumas horas a intercalar os fascículos. Esperamos que os nossos Amigos gostem da banda desenhada.

**OUTONO** — Nesta estação caem as folhas das árvores, os nossos rapa-

zes ocupam-se em varrê-las e apanhá-las. Há uns que se aplicam e, outros, pelo contrário, mas, em nossa Casa, todos têm uma tarefa a cumprir.

Francisco Alexandre

**DESPORTO** — Desta vez, recebemos os Juniores do F. C. Vila Boa de Quires. Uma equipa que sabe o que quer e com toque de bola rápido, dando pouco tempo ao adversário para pensar. No entanto, os nossos Rapazes, estando a começar a trocar melhor a bola, para não dizer muito melhor, também souberam estar à altura dos acontecimentos. Ao intervalo, estávamos a ganhar 1-0, por intermédio de Joaquina.

Já na segunda metade, o Vila Boa de Quires, fez 1-1; tendo sido fruto de um deslize de alguém que, devia estar com mais atenção e concentração no jogo.

Joaquina, em dia sim, volta a mar-

Adormeceu no Senhor, há dias, o antigo gaiato Fernando Serra, mais conhecido por *Fernando Cid*. Era natural de Tomar e tinha 81 anos.

Conheci-o na década de cinquenta. Trabalhou no Porto, num posto de abastecimento e, tempos mais tarde, imigrou para Inglaterra — onde se manteve vários anos —, regressando a Portugal já reformado e casado.

Instalou-se com sua esposa em Nogueira da Maia, numa casinha que comprou e aí viver até à sua partida.

Que o Senhor o tenha e descanse em paz.

Manuel Pinto

## MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

**125 ANOS DO NASCIMENTO DE PAI AMÉRICO** — Depois do evento em Coimbra, continuaram as comemorações deste acontecimento importante para nós, a 28 de Outubro, Domingo. A nossa Comunidade partiu pelas 07.00h e deslocou-se expressamente à terra da sua naturalidade (Galegos), a fim de participarmos na Eucaristia das 10.00h, na Igreja Paroquial, presidida pelo senhor Padre Adrião. Depois, no largo, junto ao busto de Pai Américo, foi prestada uma homenagem bela, com um Hino cantado e tocado, a declamação de quadras (de Maria de Fátima) e intervenções dos nossos Padres Júlio e Manuel. Levámos farnel que comemos na Casa do Bairro, onde nasceu Pai Américo, na qual fomos bem acolhidos por familiares seus e uma visita interessante. Com estes momentos marcantes, não vamos esquecer este lindo dia!

**REUNIÃO DOS PADRES DA OBRA DA RUA** — Como acontece desde a sua fundação, pelo nosso Pai Américo, e é necessário, os Padres que servem a nossa Obra encontram-se ao longo do ano, com alguma regularidade, normalmente nas várias Casas, para rezarem e debaterem os assuntos da agenda. Desta vez, a reunião dos Padres da Rua realizou-se a 30 de Outubro, terça-feira, na nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, desde o almoço até ao jantar. Reuniram todos os Padres das várias Casas do Gaiato e do Calvário, em Portugal, orientados pelo nosso Padre Júlio, que dirige a Obra da Rua. As suas decisões são importantes para a vida da nossa



Obra, que existe para o serviço dos Pobres, em Igreja. Os Padres das Casas do Gaiato em África, quando não estão presentes, enviam as suas mensagens. Terminou, como sempre, com a celebração da Eucaristia.

**VISITANTES** — Várias pessoas vêm ter connosco para as ajudarmos, neste tempo difícil. Outras visitam-nos para partilharem, como aconteceu com os nossos amigos e amigas de Castelo Branco, que vieram ao nosso encontro a 14 de Outubro, Domingo. Participaram na Eucaristia na nossa Capela, pelas 10.00h, em que também rezámos por aqueles que partiram; serviram-nos o almoço e a merenda com carinho; e deixaram as suas ajudas. A todos os que se lembraram de nós, dinamizados pela Sr.ª D. Fernanda, o nosso muito obrigado!

**ARRANJOS** — Fez-se um jardim novo, com bancos de tronco de pal-

car e altera o marcador para 2-1; assim esteve até muito perto dos 90 minutos, mas, mesmo a terminar o desafio, fruto de um ressalto de bola, o adversário, empata a partida e fixa o resultado final. Um empate com sabor a vitória, por tudo quanto se passou no terreno, durante todo o tempo de jogo. Joaquina, de livre, podia ter feito mais um golo, mas o poste, esteve do lado do adversário.

Neste jogo temos um problema: não nos é possível destacar quem quer que seja, já que todos estiveram ao mais alto nível. A diferença do jogo da semana passada, para este, é como da água para o vinho. Assim gosto; assim dá gosto e todos ficam a ganhar.

Antes de terminar, é bom que se diga que o nosso guarda-redes Alexandre, continua sem sofrer qualquer golo, já que os dois que entraram na nossa baliza, fazem parte da capoeira do Adilson.

Na segunda ronda, está agendada a visita a Vila Boa de Quires. Aí, tudo será muito pior, já que o campo é maior que o nosso e vai ser precisa muita garra, espírito de sacrifício... e trabalhinho não vai faltar!

Alguns dos dirigentes, enquanto o jogo decorria, deram uma volta pela Aldeia. No fim do jogo, estavam encantados com tudo que viram. Para nós, é uma satisfação.

Pai Américo dizia: «*Tudo quanto está dentro dos nossos muros se aproveita: O mal para que se transforme. O Bem para que melhore. Nós somos a seara imensa do trigo e do joio.*»

Alberto («Resende»)

meira, ao cimo da escadaria antiga.

Algumas tubagens de água, entre o portão antigo da Rua Casa do Gaiato e o pomar, foram arranjadas.

As lâmpadas dos candeeiros exteriores foram substituídas outra vez.

Depois da inspeção periódica do reservatório do gás, foi recebido o certificado.

As redes ovelheiras das vedações, para pastagem do nosso rebanho, foram consertadas.

**AGROPECUÁRIA** — Plantaram-se, na nossa horta, mais alguns centos de couves troncha e serrana, da feira; depois, foram sachadas. Após as aulas, os Rapazes continuaram a descarolar espigas de milho. Os cachos de uvas das latadas foram esmagados e deram para fazer algum vinho, armazenado numa cuba inox, comprada. Foram plantados cactos nas bordaduras dos jardins em frente às oficinas. □

## SETÚBAL

Padre Acílio

## O Roubo

É muito difícil, em nossa casa evitar os roubos, embora não sejam frequentes. Tarefa ingente e meritória é fazer de ladrões, homens sérios e honestos.

Fechar todas as ocasiões e evitar rigidamente as oportunidades, está longe da pedagogia nas Casas do Gaiato. Os rapazes têm necessidade de passar pelas circunstâncias do homem justo — *aquele que não faz o mal, podendo realiza-lo: não pratica o mal porque não quer.*

Os nossos rapazes são normalmente originários das camadas sociais mais pobres e degradadas. Daí que uma pedagogia fechada condena-se ao fracasso.

Dois casos me moeram o juízo nestes últimos dias. Apareceu a cópia da chave do escritório debaixo, onde os rapazes da venda dão contas e se pode, esporadicamente, guardar algum dinheiro para as necessidades diárias dos rapazes.

Quase todos, os da casa quatro

sabiam da existência oculta desta «preciosidade».

Numa das noites, alta madrugada, um rapaz é descoberto por outro a remexer as gavetas no referido escritório.

A chave falsa começou a criar problemas entre os conhecedores da sua existência, resolvendo secretamente atirá-la para a estremeira, onde nunca mais ninguém a descobriria.

Enquanto um dos envolvidos se dirigia, com a chave no bolso para o referido fim, é interpelado no caminho, por uma das senhoras: — que vais fazer?

A consciência do rapaz vibra e ele desabafa com a senhora, que lhe toma a chave e lhe promete segredo, para ma entregar.

Não foi difícil adivinhar quem seria o portador de tão intrincado objecto. Chegamos a alguma conclusão que não sei se terá sido certa.

Os rapazes vieram todos com uma sensata (?) recomendação: — que mudasse a fechadura da porta do escritório.

Não mudo. Acredito que a cópia

da chave, seria única, mas se não for, o que me interessa é que o ladrão deixe de roubar, podendo fazê-lo e, por si, se transforme num homem sério. Maior já é ele, a seriedade terá de a conquistar.

## Feira da Ladra

O Lions Clube de Setúbal realizou nos dias 1-2-3 e 4 de Novembro, 28ª feira da ladra, a favor desta Casa do Gaiato, no salão dos Bombeiros Voluntários, junto à Lota.

É um grupo selecto de amigos e amigas, que ao longo dos anos, tem apoiado com amizade e sacrifício a Casa do Gaiato de Setúbal.

Nas horas más, estiveram sempre ao nosso lado, afirmando com a sua atitude, a verdade da nossa vida, sem qualquer receio.

À medida que os anos vão correndo e os falsos profetas se denunciam em mentiras descobertas, esta presença amiga e constante, vai-se tornando cada vez mais apreciada por nós e

mais querida pelos rapazes.

Elas e eles não desarmam e esta feira toma lugar numa tradição inquebrantável do Lions Clube de Setúbal.

Não temeram a crise, não ficaram em casa gemendo as dificuldades presentes. Não Senhor!

Fizeram-se ao largo. A casa da Juventude fechou, mas arranjaram logo outro lugar mais amplo nos Bombeiros Voluntários, e a feira foi avante!

## Esmola abençoada

Há um senhor de Corroios que, de vez em quando, nos visita ao Domingo. Levanta-se cedo, apanha o transporte público e chega aqui pelas 8:30 da manhã. Senta-se no corredor diante do sol nascente e aguarda que os rapazes se levantem e a capela se abra.

É uma presença humana que nos transmite automaticamente a prefiguração da humildade. Põe discretamente a sua esmola no ofertório da missa e pede-me para tomar o pequeno-almoço com os rapazes.

Aconteceu que, num Domingo destes, tomou o transporte para Setúbal pôs no bolso a oferta da sua esposa e esqueceu-se da própria carteira com dinheiro.

Podia ter mexido no envelope aberto e pagar, com o dinheiro nela contido o autocarro que o traria aqui e voltava de novo para a sua casa. Metade do valor chegava e excedia. Não quis, preferiu telefonar à mulher que lhe veio trazer a carteira e esperar na cidade, vindo então entregar intacta a oferta.

Deus revela-nos maravilhas! Há gente muito santa neste mundo perverso! □

## VINDE VER!

Padre Quim

## Um cavalo de batalha

A falta de noção da gravidade ou da consequente deturpação de um conceito, tornam os culpados inocentes e espantados, ante a surpresa, quando o semáforo da vida acende a luz vermelha. Um autêntico e verdadeiro perigo se impõe quando as coisas essenciais começam a ser remetidas para segundo plano. E, se num instante de loucura, ocorresse pensar: estar e viver num mundo sem Deus? Talvez fizesse maior sentido ilustrar em simultâneo, o esboço forçado de um dia de claridade transformado em noite cercada de escuridão. Nela não se pode senão observar o surgimento duma nova forma de eclipsar as convicções seguras. Temor e desorientação são as descobertas angustiosas que encontra quem, tendo inventado o seu fantasioso mundo, venha a prescindir d'Aquele que É a fonte e a origem de tudo. «Quando se abalam os fundamentos que podem fazer ainda os justos?»

A preparação dos rapazes para a vida e o seu respectivo enquadramento na estrutura social, reveste-se de grande importância e de singular interesse, pelo facto da sociedade se tornar excessivamente exigente, nos seus requisitos de avaliação e aprovação de novos candidatos, para a grelha das diversas instituições que a compõem. Fundamentalmente, a área académica e o mundo do trabalho — a luta pelo primeiro emprego. Ora, a sua pedalada tem a marca da competitividade que, por sua causa, é fornecedora de combustão para o motor da exclusão..., e que criva, sem piedade, a sorte e o talento do

meio do anonimato, e da palha o que é valioso, no que se refere ao momento da selecção. E quando assim acontece, a marginalização é um facto claro, injusto e provocante, se o analisarmos de maneira construtiva e humana. O que é positivo deverá revestir-se obrigatoriamente, de uma percentagem elevada de humanismo.

O estudo, é a luta de todos os dias, tarefa tão urgente, para travar a progressão da ignorância contra as causas nobres, válidas, e essenciais para a vida. Sem nos descuidarmos do lugar insubstituível que as outras vertentes ocupam — dentro da formação integral. Raro é o *tribunal* que se venha a fazer, depois da oração familiar do Terço, que não seja sobre o tema da formação académica. Métodos, orientações, repreensões oportunas, são dados. A boa sementeira nunca entra no pacote das coisas que constituem o famoso *tempo perdido*; ao simular o seu adormecimento, é quando germina com pujança, apesar da sua fragilidade, ante os obstáculos, à luz do Sol. As portas desta estruturada sociedade laboral estão a ser codificadas de sistemas diplomáticos. O acesso ao seu interior é consequência positiva dum esforço exercido atempadamente.

O equilíbrio das coisas reside no justo meio, para manter a forma ideal, conforme a natureza de cada uma. Sem tendências para mais nem para menos. Só e somente o quanto possa ser necessário e adequado à própria essência. A seca mata a vegetação e quase tudo o que respira à volta de si, a inundação... a mesma coisa.

Este ano escolar tem sido bastante desequilibrado para os estudantes; já deitou água a mais ao que lhe era conveniente e salutar. Férias normais? Sim, foram dadas com mérito. Férias extraordinárias? Sim, também foram dadas, e com a agravante de terem ocorrido em tempo ordinário, numa altura imprópria do ano, quebrando o ritmo escolar e os níveis de aproveitamento. O motor quando é desacelerado custa a ganhar estabilidade para dar gás. E já se avizinham os exames, quando ainda há maré alta e os rapazes estarão a nadar em águas abundantes, impetuosas e em turvas ondas de dúvidas, que seriam esclarecidas no devido tempo académico — sob pena de algumas raposas virem ter ao nosso galinheiro.

Quem aposta no futuro do País deverá pois sofrer com anedotas desagradáveis como esta. Amar a criança, é começar hoje, com ela mesma, a construir o dia de amanhã, embora se diga, e com veracidade, que este *a Deus pertence*. Neste momento, da janela da casa dois de cima, onde estou a escrever, escuto cantos de festa — os pequeninos terminaram os exames e a alegria contagiou professores e alunos. Que bom! Quando o homem está satisfeito e é privilegiado por uma inundação de alegria que corre e contagia o seu coração. Oxalá a colheita final seja abundante, não só neste campo, mas também noutros, onde ainda falta florescer e amadurar o precioso fruto do bem, onde a semente há muito foi lançada a fim de prosperar. □

## BENGUELA

Padre Manuel António

Continuação da página 1

por dentro, a ser mais pessoas, a ser mais livres. É uma verdade colhida na experiência de cada um...

A habitação com um mínimo de dignidade é um factor determinante da vivência saudável duma família. Doutro modo, pode ser uma porta aberta para aumentar o número de filhos da rua. Pai Américo viveu este problema humano com muita profundidade. O Património dos Pobres é o ramo da Obra da Rua que cobre especificamente este espaço social. São multidões as famílias que vivem em condições tão miseráveis como os animais. Quem nos dera poder ir ao encontro delas e dar a primeira resposta à miséria que as escraviza, incentivando-as a unirem-se umas às outras. Deste modo, ajudam-se mutuamente a levantar as paredes com a ajuda oferecida para a compra dos materiais. É a dinâmica participativa, geradora da solidariedade social. Deste modo, contribuem para a solução dos seus próprios problemas. É uma forma de promoção humana. Precisamos, porém, de ter os meios para poder ajudar. Partilhámos esta forma de ajudar com um grupo de universitários adultos que nos visitou, no final dos seus cursos, na área social educativa. Ficaram vivamente impressionados com a nossa forma de viver. Querem que haja mais compromisso das forças vivas da sociedade com a Casa do Gaiato de Benguela. Prometeram trabalhar, também, na implantação da cultura da solidariedade social, a todos os níveis. Quem dera! É o caminho para um mundo novo que se vai fazendo, pouco a pouco. São necessários semeadores. Os campos são muitos. Este grupo de finalistas universitários alimentou a esperança de que a nossa Casa do Gaiato terá a sua ajuda. Que Pai Américo continue a falar aos vossos corações. Que seja escutado, juntamente connosco. □

## MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

Continuação da página 1

Deus é bom e o amor ao próximo é gémeo. Unifica o homem com o seu semelhante e portanto o une Àquele de que não se aproximaria de outro modo. No fim da Celebração uma projecção do evoluir até hoje. Depois todos descemos para o espaço, em semicírculo, formado pelas habitações dos rapazes, onde estavam as mesas para a refeição: *Convívio Solidário*, como foi chamado. Variedades de comida tipicamente moçambicana, espanhola e cozido à portuguesa, bebidas, aletria, arroz doce e café. Tudo confeccionado pelos nossos rapazes, alguns vindos do seu emprego. Artesanato, hortícolas e produtos do campo. Até os mais aficionados aos burros ofereceram passeios aos da sua idade. Outros só tiraram fotos. Tudo o que foi gasto de alimentação e bebidas foi oferecido, até por quem não pôde estar presente. Foi um dar generoso, com alegria e carinho pelos rapazes. Para muitos uma descoberta. Nós, de Casa, fora alguns menos responsáveis ainda, chegámos ao fim cansados mas felizes. Com o coração dos cento e cinquenta e quatro que aqui encontraram, mais a dezena deles que veio ajudar, a todos numa só voz “Kanimambo”, foi “maningue nice”. □

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Austeridade rói sobretudo os mais pobres e indefesos, sendo o trabalho a arma natural para vencer as dificuldades que esta impõe. Não havendo trabalho esta severidade torna-se injusta e criadora de muitos males, gerados por semelhante iniquidade social. Sim, não há outra palavra e eu prefiro não a repetir. Outros dirão melhor que eu.

Estavam os três à minha espera. Ele, ela, uma criança que se via logo ser filha de ambos.

Passei apressado, dorido e saturado. A vida cai-me em cima e a gente não aguenta.

Começo a sentir-me esmagado por tantos problemas, e, sem ver solução, deixo-me vencer por alguns momentos instintivamente até agarrar de novo, coragem.

As pessoas esperam, esperam derreadas pelas carências.

Parei para as escutar. Eram marido, mulher e filha. Os dois filhos mais velhos ficaram em casa.

Eu já a tinha ajudado uma vez.

Agora, com um braço engessado, partido em dois lados, voltou, suplicando que lhe pagasse a renda da casa: 400.00€. Caiu no trabalho. Magoou-se, mas o seguro ainda não lhe dera nada, já passou mais de um mês.

O marido, um homem sem rasgo, servente de pedreiro, há muito que perdeu o serviço e raramente arranja um biscate. É terrível a situação.

Vêm ter comigo, como única bóia de salvação, neste rugido mar de miséria, o qual engole tantos irmãos. A pobre senhora levantou o braço partido e olhos são rios de lágrimas: — *Que posso eu fazer?!*

E eu que posso fazer? Paguei-lhe um mês de renda! Mas o tempo corre tão rapidamente e os dias seguem uns aos outros, numa vertigem assustadora para quem deve pagar ao fim do mês.

— *Vós tendes de arranjar uma casa mais barata. Quatrocentos euros mensais é muito!*

É fácil falar. Resolver é mais difícil e para gente atrasada, impossível.

Enchi-lhes os sacos de comida, pus-lhe o cheque na mão, mas fiquei tolhido: — sem trabalho, como viver?

Os bem-instalados proclamam que o país ainda aguenta mais austeridade, sim, eles podem aguentar. Esta enche-lhes o bolso. Aos pobres não. E ai de todos, não fosse a caridade dos cristãos que tiram à boca, para heroicamente, repartirem com os mais aflitos!

Que faria eu, sem o auxílio daqueles que comungam comigo as aflições, se doem e, sacrificadamente repartem até a sua penúria?

Outra viúva veio com o filho. Morto o marido com dívidas às finanças e outras entidades, oito dias após o falecimento, o banco

põe a viúva na rua com o seu diminuto recheio. Valeu-lhe o irmão que lhe pagou a renda e a caução de outra casinha. Este também é pobre e vive com dificuldades. São trezentos euros mensais.

Num pranto indescritível a viúva irrompe: — *Olhe que pagamos a nossa casa durante 22 anos e agora como não podemos cumprir com a prestação, puseram-nos na rua sem mais nem menos!...*

A pobre viúva esgana-se e o choro também me contagia e choramos todos no segredo do meu escritório. Pouco mais podemos fazer, senão chorar.

Dei-lhe para dois meses. E enchamos-lhe os sacos de mantimentos. Ainda não recebeu nada do que lhe é devido pela morte do marido, que isto agora, para os pobres, está muito demorado.

São dois casos típicos, dos mais de vinte que durante esta quinzena, me amarguram a alma!

Ninguém pode viver sem casa. Deveria por isso, ser inconstitucional pôr na rua uma família sem recursos!

Trabalha connosco um vendedor de automóveis, quando ao Sábado não é requisitado pela firma empregadora, que nos confidenciou serem os carros melhores e mais caros os que se vendem mais facilmente.

Para esta gente graúda a crise traz vantagens e verdadeiramente eles podem aguentar mais a austeridade. Parece que até lhes convém. □

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

## Degraus sem luz

PARA encontrarmos mais Luz, nos nossos passos, é preciso afastarmos as sombras do mundo em que vivemos. Na cultura actual, será que se temem os aflitos? Os Pobres incomodam e não se podem calar os seus gritos verdadeiros e dolorosos, quantas vezes gemidos silenciosos. O olhar e o coração de Jesus voltam-se para eles, todos os que vivem sem esperança, desamparados e esquecidos. O Evangelho é eternamente jovem e actual! Sempre novidade, quando o desânimo se instala.

Vivemos num mundo com numerosas tensões e injustiças, que vão minando a paz, à escala planetária, em que o testemunho simples dos crentes, sem fanatismos e ligações perigosas aos poderes, é fundamental, sendo capazes de se compadecerem com o sofrimento humano, com a política e a economia do Pai Nosso, não separando Deus e o próximo.

A missão da Igreja há-de traduzir-se em compromisso efectivo, em amor entranhado aos outros e conhecendo-os pelo seu nome. Ozanam foi espicaçado por um desafio provocador:

— *Vós que fazeis?*

E respondeu:

— *Vamos aos pobres.*

Mais, ainda:

— *Devemos deixar agir a Providência, mas temos de lhe dar uma mãozinha.*

Se o dedo de Deus é capaz de levantar o mundo, possuídos por este Ideal, real, não faltam momentos para O encontrarmos com a dezena dos dedos das mãos. Quem nos procura ou procuramos, aflito nas suas dores, ficará mais confortado e consolado ou escutaremos o lamento do salmista: *Esperava alguém que me consolasse, mas não encontrei.*

Com coragem e esvaziando-nos de egoísmos, mais do que nos lamentarmos do nosso tempo, urge olhar para todo o ser humano como próximo, nomeadamente sofredor, em que Deus Se revela, nos nossos caminhos. É uma exigência para devolver ao mundo mais serenidade, como a brisa suave. O compromisso dos cristãos afinal é este, seguindo S. Vicente de Paulo: *Amemos a Deus, mas que isto aconteça com os nossos braços e o suor do nosso rosto.*

Pode parecer um itinerário descendente; contudo, também conhecemos a nossa fragilidade como a erva do campo, que reverdece de manhã e seca à tarde. No entanto, todo o ser humano tem uma semente divina que não se confunde com o pó da terra e pode dar frutos.

Numa aurora de geada, tivemos de voltar à grande cidade, não de Nínive, mas de Lisboa, por emergências e convergências. Aquele pai aflito, numa carreira, também com nome de cruz, fez-nos chegar outro SOS. Na visita ao seu ambiente degradado, indicou-nos logo a porta de acesso à sua trapeira. E fomos pela sua mão confiante, pois o seu olhar era mesmo triste. Parecia que já nos conhecíamos há longo tempo; porém, chegámos naquela hora matutina e de angústia. Quem chora de verdade é um amigo verdadeiro e para sempre.

Foi directo nas suas dores:

— *Vim para tratar o meu filho, do coração, e ando à procura de trabalho. Isto não é sítio para ele viver, mas eu posso ficar...*

Se a amizade do Senhor é a seiva que nos alimenta, quem padece há-de ser senhor dela. Entretanto, olhámos à nossa volta para o corrupio urbano. O seu abrigo é um prédio antigo e deteriorado. Quando nos franqueou a entrada, como não havia elevadores, a que somos alérgicos, subimos muitos degraus e fez-nos muito bem aquela ascensão de vários pisos até umas águas furtadas. Depois de vermos caídos, que pernoitaram ao relento em cartão, aquele amigo encontrou um refúgio que não é morada digna. Só vendo com os próprios olhos... As escadas de madeira, em vários lanços, apodrecidas e envoltas por paredes muito degradadas, não tinham ponta de luz. Quando chegámos, finalmente, ao seu cubículo, frio e com janelo para o telhado, encontrámos um sítio baixo, onde cabe apenas um pobre leito. Não adianta pregarmos só a família, se há seres humanos cuja morada não tem dignidade. Para já, ficou comida e vestuário que nos dão para os pobres.

Ficámos com mais amigos para a vida, pois a Vida divina veio até nós assim, escondida, para O sentirmos da nossa carne. Subindo aqueles degraus às escuras, ficámos a ver melhor a razão de ser da Luz do Salvador que nos veio iluminar! □

## MALANJE

Padre Rafael

## Receber o Reino como uma criança...

OUTRO dia, a Irmã Célia disse-me que tinha encontrado o nosso pequeno Jamba a dormir com um carro que lhe tinha dado, ao que parece muito bem coberto para que não passasse frio. Entretanto, fui-me dando conta de que o nosso «Batatinha» não se separava do carro, nem de noite nem de dia. Ele ocupava todo o seu tempo e toda a sua atenção. Só o partilhava com os seus melhores amigos e, se uma roda se estragava, rapidamente mo trazia para que a consertasse. E que dizer quando lho tiravam ou o perdia... era a criança mais desolada do mundo. Por um momento vi o quanto distante estava de receber o Reino como o pequeno Jamba.

Estamos há mais de uma semana sem energia eléctrica porque, ao fazerem a instalação, montaram cabos mais pequenos e, estes, queimaram-se. Isto quer dizer que o nosso gerador tem feito horas extras. Finalmente, o gerador cansou-se de trabalhar e recusou-se a continuar sem uma troca de filtros e de óleo. O problema, é que o nosso mecânico estava, com o camião, na exploração de madeira, e tivemos que ser nós a fazer o trabalho, como tem acontecido de outras vezes.

Já dividimos pelas aldeias os primeiros 12 hectares para a plantação de mandioca das primeiras chuvas. Começámos a preparar os terrenos para a plantação do milho, que nos servirá de alimento e ao nosso gado, também. Continuamos a comer hortaliça da nossa horta e, agora, também cebola. Na época das chuvas, é muito difícil manter as culturas da nossa horta, por excesso de água. O pasto desponta e o nosso gado começa a engordar. Este ano, não nos morreu nenhuma vaca por falta de alimento.

Ontem, casou na Capela da nossa Casa o gaiato Visno Jojo. A Celebração foi presidida pelo nosso

Padre Telmo e participada por um enorme número de antigos gaiatos, vindos dos mais diferentes lugares de Angola. A Capela vestiu-se de flores e de um sabor familiar — que de fora se faz difícil de compreender, mas de dentro se desfruta como um dos maiores tesouros. No momento da Comunhão, desconcertou-se o gerador, mas tudo continuou com normalidade.

Já passou um mês desde as eleições, onde José Eduardo dos Santos foi eleito Presidente. Tudo ficou igual e nós mesmos, praticamente, também. Sem força para empreender novos projectos, apenas para superar as dificuldades de cada dia e pedir que não surjam outras. Malanje converteu-se na cidade das motas, pois a maioria dos jovens usam-nas para fazer de táxi e assim subsistir. A cada dia encontramos mais pessoas a deambular pela cidade com problemas mentais, idosos que dormem nas esquinas das calçadas e dezenas de crianças que vivem na rua.

Sou um padre que implora e ora a um Deus com maiúsculas. Sou um padre da rua que aceita a própria impotência para dar abrigo aos despossuídos. Sou apenas um sacerdote que recebeu com ilusão um reino que parece ter-me esquecido. □

## PENSAMENTO

Pai Américo

O GAIATO é compêndio. Quem quiser, mais tarde, saber quais os moldes da Obra, venha beber aqui. Não há outra fonte. Neste compêndio se verifica o rendimento do rapaz pelo rapaz.

in *Pão dos Pobres*, 1.º Vol.